

A Prisão de Arsène Lupin

Que estranha viagem! Contudo, começara tão bem! Eu, pela minha parte, nunca fizera nenhuma que se anunciasse com tão bons auspícios. O *Provence* é um transatlântico rápido, confortável, comandado por um homem afabilíssimo. A sociedade a bordo era das mais interessantes. Estabeleciam-se relações, organizavam-se jogos e divertimentos. Sentíamos a curiosa impressão de estarmos separados do mundo, reduzidos a nós próprios, como numa ilha desconhecida, obrigados, por conseguinte, a procurarmos a companhia uns dos outros. E aproximávamo-nos...

Já alguma vez pensou no que há de original e de imprevisto num agrupamento de seres humanos que ainda na véspera não se conheciam e que, durante alguns dias, entre o mar imenso e o céu infinito, vão viver uma vida íntima e, juntos, desafiar a cólera do oceano, o assalto terrífico das vagas e a calma aparente da água adormecida?

É, no fundo, vivida numa espécie de miniatura trágica, a própria vida, com as suas tempestades e as suas grandezas, a sua monotonia e a sua diversidade e, talvez por isso, se saboreia com uma pressa febril e uma volúpia tanto mais intensa essa curta viagem, cujo fim se adivinha no próprio momento em que se inicia.

Há uns anos a esta parte, no entanto, algo se passa que aumenta singularmente a emoção da viagem. A pequena ilha flutuante continua ligada ao mundo de que parece liberta. Um elo subsiste,

elo que se desfaz pouco a pouco, em pleno oceano, e que, pouco a pouco, em pleno oceano, se reata. A telegrafia sem fios! Apelos dum outro universo, do qual se recebem notícias da maneira mais misteriosa possível! A imaginação já não tem o recurso de evocar fios de ferro através dos quais a invisível mensagem deslize. O mistério é mais insondável, mais poético: temos de recorrer às asas do vento para explicar este milagre.

Assim, nas primeiras horas, sentimo-nos seguidos, escoltados, precedidos até por essa voz longínqua que, de tempos a tempos, segredava a um de nós algumas palavras. Dois amigos me falaram. Outros dez, outros vinte, enviaram-nos a todos, através do espaço, os seus adeuses tristes ou sorridentes.

Ora, no segundo dia, a quinhentas milhas da costa francesa, estava uma tarde tempestuosa, o telégrafo sem fios transmitiu-nos uma mensagem do seguinte teor:

Arsène Lupin segue a bordo, primeira classe, cabelos louros, cicatriz antebraço direito, viaja só, sob o nome de R...

Neste preciso momento, estalou uma violenta trovoadá no céu sombrio. As ondas eléctricas foram interrompidas. Não se conseguiu ouvir o resto da mensagem. Do nome sob o qual Arsène Lupin se ocultava ficámos apenas a saber a inicial.

Se se tratasse de qualquer outra notícia, não tenho dúvida de que, tanto os telegrafistas, como o comissário de bordo, como o comandante, teriam observado a mais escrupulosa discrição. Mas há acontecimentos que parecem levar de vencida o segredo mais rigoroso. Nesse mesmo dia, sem que se pudesse dizer donde partira a inconfidência, todos a bordo sabíamos que Arsène Lupin viajava connosco.

Arsène Lupin connosco! O imprevisível gatuno, cujas proezas os jornais descreviam havia meses! A enigmática personagem com quem o velho Ganimard, o nosso melhor polícia, travava um duelo de morte, cujas peripécias se desenrolavam de maneira tão pitoresca! Arsène Lupin, o *gentleman* fantasista, que só opera nos castelos e nos palácios e que, uma noite, em que havia entrado

em casa do barão Schormann, partira de mãos vazias, deixando o cartão, no qual inscrevera esta fórmula: «Arsène Lupin, *gentleman* ladrão, voltará quando os móveis forem autênticos.» Arsène Lupin, o homem dos mil disfarces: motorista, tenor, corrector de apostas, filho-família, adolescente, velhinho, caixeiro-viajante marselhês, médico russo, toureiro espanhol!

Repare bem no que eu digo: Arsène Lupin pavoneando-se no espaço relativamente restrito dum transatlântico — que digo eu! —, no pequeno recanto da primeira classe, onde nos encontrávamos a todo o instante, na sala de jantar, no salão, no *fumoir*! Arsène Lupin era talvez aquele senhor... ou aquele outro... o meu vizinho de mesa... o meu companheiro de cabine...

— E isto vai durar ainda cinco vezes vinte e quatro horas! — exclamava no dia seguinte *miss* Nelly Underdown. — Mas é intolerável! Espero que consigam prendê-lo...

E dirigindo-se a mim:

— Vejamos, senhor d'Andrézy, o senhor, que se dá tão bem com o comandante, não sabe de nada?

Bem gostaria de saber alguma coisa, para satisfazer *miss* Nelly! Era uma daquelas magníficas criaturas que, estejam onde estiverem, ocupam sempre o lugar mais destacado. A sua beleza, como a fortuna, encanta. Têm uma corte, fervorosa, entusiasta.

Educada em Paris pela mãe francesa, ia visitar o pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Acompanhava-a uma das suas amigas, *lady* Jerland.

Eu havia apresentado a minha candidatura de *flirt* na primeira hora. Mas, na intimidade rápida da viagem, o seu charme perturbara-me imediatamente e, quando os seus grandes olhos negros encontravam os meus, sentia-me demasiado emocionado para um simples *flirt*. Sem embargo, ela dedicava uma certa atenção às minhas homenagens. Dignava-se rir dos meus gracejos e interessava-se pelas minhas anedotas. Uma vaga simpatia parecia responder à ternura que eu lhe testemunhava.

Um único rival, talvez, me poderia inquietar, um belo rapaz, elegante, reservado, cujo humor taciturno ela por vezes parecia preferir ao meu feitio extrovertido, de parisiense.

Ele fazia justamente parte do grupo de admiradores que rodeavam *miss* Nelly quando ela me interrogou. Estávamos no convés, agradavelmente instalados em cadeiras de baloiço. A tempestade da véspera havia limpado o céu. O tempo estava delicioso.

— Eu nada sei de preciso, *mademoiselle* — respondi —, mas não poderemos nós próprios conduzir a investigação, como faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal de Arsène Lupin?

— Oh, oh, exagera!

— Porquê? O problema é assim tão complicado?

— Muito complicado.

— Esquece os elementos de que dispomos para o resolver.

— Que elementos?

— Primeiro, Lupin diz chamar-se R...

— Identificação um pouco vaga.

— Segundo, viaja só.

— Se isso lhe basta!

— Terceiro, é louro.

— E depois?

— Depois, basta-nos consultar a lista de passageiros e proceder a eliminações.

Eu tinha a lista no bolso. Peguei nela e percorri-a.

— Verifico antes de mais que há treze pessoas cuja inicial as apontam à nossa atenção.

— Só treze?

— Em primeira classe. Destes treze senhores R, como podem certificar-se, nove viajam acompanhados da mulher, dos filhos ou de criados. Restam quatro personagens isoladas: o marquês de Raverdan...

— Secretário de embaixada — interrompeu *miss* Nelly. — Conheço-o.

— O major Rawson...

— É o meu tio — disse uma voz.

— O senhor Rivolta...

— Presente — disse um sujeito italiano, cuja cara desaparecia sob uma barba do mais belo pêlo negro.

Miss Nelly soltou uma gargalhada.

— Este senhor não é precisamente louro.

— Então — disse eu —, somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.

— Ou seja?

— Ou seja, o senhor Rozaine. Alguém conhece o senhor Rozaine?

Houve um silêncio. Mas *miss* Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja assiduidade junto dela me atormentava, disse-lhe:

— Então, senhor Rozaine, não responde?

Toda a gente voltou o olhar para ele. Era louro.

Devo confessar que senti um pequeno choque. E o silêncio pesado que caiu sobre nós deu-me a entender que os outros passageiros que nos rodeavam experimentavam o mesmo género de sufoco. Era, aliás, absurdo, pois, afinal, nada na atitude do sujeito permitia suspeitar dele.

— Porque não respondo? — disse ele. — Porque, em vista do meu nome, da minha qualidade de passageiro isolado e da cor do meu cabelo, eu já chegara ao mesmo resultado. Acho, pois, que me devem prender.

Tinha um ar esquisito, ao pronunciar estas palavras. Os lábios finos, que pareciam dois traços inflexíveis, ficaram ainda mais finos e empalideceram. Fios de sangue raiaram-lhe os olhos.

Brincava, decerto. Contudo, a sua fisionomia, a sua atitude, impressionaram-nos. Ingenuamente, *miss* Nelly perguntou:

— Mas não tem a cicatriz?

— Isso é verdade — disse ele —, falta a cicatriz. Num gesto nervoso, arregaçou a manga da camisa e descobriu o braço. Mas uma ideia me assaltou imediatamente. Os meus olhos encontraram os de *miss* Nelly: ele mostrara o braço esquerdo.

E, juro, ia pôr a questão em termos claros, quando se produziu um incidente que desviou a nossa atenção. *Lady* Jerland, a amiga de *miss* Nelly, aproximava-se a correr.

Estava excitada. Rodeámo-la. Com grande esforço conseguiu murmurar:

— As minhas jóias, as minhas pérolas!... Levaram tudo!...